

Representações de mulheres negras nas histórias em quadrinhos da Editora Kitembo¹

Representations of Black Women in Kitembo Comics

Amaro Xavier BRAGA JUNIOR²

Resumo

Este artigo analisa as representações de mulheres negras nos quadrinhos das quatro edições do Almanaque Kitembo (2022-2025). O objetivo geral é examinar criticamente os padrões de protagonismo e interseccionalidade nas narrativas afrofuturistas. Metodologicamente, realizou-se análise de conteúdo categorial e estatística descritiva, codificando o gênero dos autores, os tipos de protagonismo (feminino, masculino, misto) e os perfis das personagens. O aporte teórico fundamenta-se em Crenshaw (interseccionalidade), Collins e hooks (feminismo negro) e Hall (representação). Os resultados indicam que, embora a autoria feminina seja minoritária (37,8%), o protagonismo feminino ultrapassa 60% das histórias, com personagens diversas que rompem com estereótipos. A análise conclui que a Kitembo constrói um arquivo de resistência cultural, consolidando-se como um marco nos quadrinhos brasileiros ao aliar qualidade artística, compromisso político e descolonização do imaginário.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Representações visuais. Mulheres Negras. Protagonismo. Interseccionalidade.

Abstract

This article analyzes the representations of Black women in the comics of the four editions of the Kitembo Almanac (2022-2025). The general objective is to critically examine the patterns of protagonism and intersectionality in Afrofuturist narratives. Methodologically, we conducted categorical content analysis and descriptive statistics, coding the authors' gender, the types of protagonism (female, male, mixed), and the profiles of the characters. The theoretical framework is based on Crenshaw (intersectionality), Collins and hooks (Black feminism), and Hall (representation). The results indicate that, although female authorship is a minority (37.8%) female protagonism exceeds 60% of the stories, featuring diverse characters who break with

¹ Trabalho resultante do resumo expandido apresentado nos GT Quadrinhos, Design e Narrativas Gráficas e no GT Design de Informação e Infografia no Jornalismo, do XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Intercom Nordeste, realizado em julho de 2026 em Caruaru, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Doutor em Sociologia. Professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas-ICS/UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa Quadro a Quadro - Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Narrativas Gráficas, Quadrinhos e Humor. E-mail: amaro@ics.ufal.br

stereotypes. The analysis concludes that Kitembo builds an archive of cultural resistance, establishing itself as a milestone in Brazilian comics by combining artistic quality, political commitment, and the decolonization of the imagination.

Keywords: Comics. Visual representations. Black Women. Protagonism. Intersectionality.

Introdução

As histórias em quadrinhos (HQs) contemporâneas têm se consolidado como um campo fértil para a discussão de identidades marginalizadas em contextos de luta antirracista e feminista. No entanto, as representações de mulheres negras nessa mídia de entretenimento, ainda são marcadas por estereótipos como a hipersexualização, a subalternidade e a invisibilidade, reflexo de estruturas sociais enraizadas no racismo e no patriarcado.

Traçamos aqui um mapeamento e uma análise focada nas publicações da editora Kitembo (Kitembo Edições Literárias do Futuro), um selo independente brasileiro que se destaca por promover narrativas afro-brasileiras e dar visibilidade a autores negros, nas áreas de horror, fantasia, ficção científica e no gênero que eles chamam de “afrofuturismo”.

Como objetivo buscamos analisar criticamente as representações de mulheres negras nas HQs da Kitembo, identificando padrões de protagonismo e interseccionalidade (raça, gênero e classe) e contribuir para um diálogo crítico sobre equidade na cultura pop e nos estudos sobre os quadrinhos brasileiros contemporâneos.

Neste artigo, nos detemos na descrição dos quatro álbuns e na análise preliminar tanto do gênero das personagens protagonistas, quanto em breves inferências sobre os gêneros das pessoas autoras e sua associação com a produção das histórias com ou sem protagonismo feminino.

Considerações metodológicas

Nosso recorte e corpus metodológico foca nas quatro edições do “Almanaque Kitembo” (2002-2025), uma antologia de quadrinhos afrofuturistas com contos independentes publicado pela editora e em todas as HQs desses quatro álbuns. Para

viabilizar a análise quantitativa e qualitativa, foram definidas e codificadas as seguintes variáveis: Mulher / Homem (para não confundir com o gênero social masculino e feminino, que é bem mais complexo de identificar pelos dados materiais das publicações). No procedimento de identificação, a atribuição de gênero foi feita com base nos nomes das pessoas autoras, com suporte em convenções sociais de nomenclatura e, quando necessário, por visualização da foto de perfil anexada à história em cada edição (ex.: em Isác Luisa e Stéff MBS, cuja fisionomia da foto publicada é socialmente associada às mulheres, apesar do nome não deixar evidente). Foram consideradas duas formas de contagem: por créditos/aparições, onde a soma de todas as participações em todas as edições (um mesmo autor que aparece em três edições é contado três vezes); e, por autoria única, onde cada pessoa é contada uma única vez, independentemente de quantas edições participou.

Também registramos, a partir de uma leitura do material, os tipos de protagonismo, chamando-os de “Feminino” (absoluto): onde a história tem como centro uma ou mais personagens mulheres; “Misto”, onde a história foi protagonizada por um casal (ou por mais pessoas) formada por homens e mulheres, com relevância narrativa equivalente para ambos; e, “Masculino” (absoluto), onde a história tem como centro um ou mais personagens homens, sem que uma mulher ocupe posição de protagonismo ou coprotagonismo.

Da mesma forma, analisamos o eixo longitudinal para observar tendências ao longo do tempo (entre 2022 e 2025) e para cada edição, visando um cálculo de frequências absolutas e relativas (percentuais) tanto para a distribuição de tipos de protagonismo (feminino, misto, masculino), quanto para a proporção de autoras mulheres em relação ao total de autores homens. Também optamos por promover uma análise comparativa longitudinal (série histórica) com os indicadores de cada edição para identificar as tendências de queda, estabilidade ou recuperação e a comparação entre o protagonismo das personagens e a composição da autoria.

Além da distribuição, estabelecemos uma avaliação qualitativa³ sobre os perfis das personagens femininas (cientistas, guerreiras, figuras míticas, filósofas etc.) para

³ Atentamos para as limitações metodológicas e o controle de viés desse estudo. Nosso objetivo foi fazer um levantamento preliminar (que ainda se encontra em andamento). A classificação do protagonismo baseou-se na leitura integral das HQs, mas sem a preocupação com uma análise literária ou do discurso profunda. Isso pode ter implicações quanto a uma simplificação de narrativas mais complexas.

verificar a diversidade de papéis como uma hipótese que intenta, como perfil editorial, evitar a redução da representação dessas personagens negras a estereótipos.

Em resumo, a análise aqui realizada caracteriza-se como um estudo de caso misto (quanti-quali), com forte base em análise de conteúdo categorial e estatística descritiva, conforme procedimentos descritos por Sampaio e Lycarião (2021). Por fim, fizemos uso de tabelas padronizadas por edição e a sua comparação longitudinal visando transformar dados brutos (nomes, títulos, resumos) em evidências estruturadas sobre a representatividade feminina no universo dos quadrinhos afrofuturistas da editora Kitembo.

Sobre os quatro álbuns da Kitembo

A primeira publicação tem cem páginas e tamanho menor que as edições posteriores (22x17cm). É possível perceber a diversidade de estilos, temas e abordagens, todas alinhadas à valorização da cultura e identidade negras. São oito histórias em preto-e-branco, no qual o protagonismo feminino é destaque em todas. Isto é, têm mulheres negras como personagens principais ou coprotagonistas explícitas.

As personagens não são unidimensionais: vivem crises identitárias, momentos de lazer, conflitos políticos e conexões espirituais, o que foge do estereótipo comum de “mulher negra forte e resiliente” para apresentar camadas de subjetividade. Nessa edição há quatro autoras mulheres e cinco autores homens. Das histórias cujos criadores são autores homens também foram centralizadas em personagens femininos em suas narrativas, o que demonstra que a escolha editorial e/ou a sensibilidade criativa do coletivo ou do editor/organizador não ficou restrita ao gênero do criador/desenhista/roteirista.

Quadro 1 – Composição do Almanaque Kitembo 2022

Autoria	Título da História	Resumo / Breve descrição	Protagonismo
Carlos Gritti	<i>Iansã Biobuster</i>	Duas mulheres negras conversam. Uma é cientista e a outra, gótica. O tema é a crise identitária que vivenciam de forma diferente tanto como mulher, quanto como pessoas negras.	Duas mulheres
Helô Rodrigues	<i>Somos tudo o que já fomos</i>	Mulher negra como protagonista, descrevendo seus pensamentos e certos vínculos mágicos.	Mulher
Gê Mendes	<i>Território inimigo</i>	Em um futuro, pessoas vinculadas a nomes e sobrenomes tradicionais discutem o futuro do país.	Casal

		Esses extremistas são paralisados e impedidos por um casal negro disfarçado que se apresenta como do Movimento Negro Unificado Mundial	
Riot Sistah	<i>Depois do fim do mundo</i>	História poético-filosófica de psicodelia cuja protagonista é uma mulher negra.	Mulher
Rodrigo Cândido	<i>Sankhara: o super batalhão de resgate</i>	História de ação e ficção científica com temática de resgate e empoderamento, protagonizada por personagens negros em um cenário futurista.	Mulher
Lucimara Penaforte	<i>Férias</i>	Criadora de uma história simbólica e ficcional que mostra o cotidiano de duas mulheres negras, retratando uma delas jogando um videogame violento de ação durante suas férias	Duas mulheres
May Solimar	<i>Amuleto</i>	Sua história aborda protagonismo negro mostrando três gerações de mulheres e algumas situações de sororidade em perspectivas futuristas.	Mulher
Will Rez e Douglas Reverie	<i>Cowboy Brown</i>	A história mistura faroeste, personagens negros e sci-fi, com uma sátira que mostra grupos racistas perseguindo pessoas negras.	Homem + mulher coprotagonista

Fonte: Autoria própria (2026).

No segundo Almanaque publicado em 2023, houve uma ampliação do formato, passando para 29,5x21cm, que se manterá nas duas edições seguintes e do número de páginas, para cento e vinte. Em duas das histórias, os coautores são pessoas que escreveram contos e não propriamente fizeram os roteiros. Estes foram adaptados pelas pessoas desenhistas e creditados como autores do texto. Nessa edição, a presença feminina relevante aparece em seis (6) das nove (9) histórias, correspondendo a um percentual de 66,7%. Todas as mulheres autoras (com exceção do conto de Lisbeth), criaram protagonismo feminino (3 de 4). Entre os homens, cinco de nove criaram protagonismo feminino, ou seja, mais da metade dos autores homens optou por incluir mulheres como centro ou coprotagonistas.

Quadro 2 – Composição do Almanaque Kitembo 2K23

Autoria	Título da História	Resumo / Breve descrição	Protagonismo
Carlos Gritti	<i>O resgate</i>	Em uma perspectiva de superaventura e misticismo afroreligioso, heróis negros enfrentam grupos de pessoas brancas que usam dispositivos de programação de andróides serviais com as almas de pessoas negras.	Homem + Duas mulheres cientistas coprotagonistas
Ariane Purika	<i>Raízes</i>	Mulher encontra a morte personificada no Deus Anúbis e jogam um jogo africano.	Mulher
João Miranda e Marcia Ramos	<i>A parte que me faltava</i>	Uma Guerreira com membros mecânicos conversa com uma cientista responsável pela equipe responsável pela atualização com intenções românticas	Duas mulheres

Jessica Goes e Célio Jamaica	<i>A nave da professora Nanã: um viagem no tempo e no espaço</i>	Conflitos políticos entre dois homens brancos e as pessoas negras de um quilombo espacial.	Duas mulheres
Bruno Breu e Lisbeth Ananse	<i>O menino que descobriu um instrumento</i>	Um menino negro precisa construir um instrumento para presentear um Rei.	Dois homens
Regis Rocha	<i>A biblioteca</i>	Um casal de jovens negros discute questões de gênero e genealogia pela história da literatura	Casal
Ge Mendes	<i>Dragão do espaço</i>	Dois garotos negros conversam enquanto um deles vivem uma aventura fantástica espacial pelos livros.	Dois homens
Rodrigo Candido	<i>Zamila, a gigapreta</i>	Um rapaz é regatado dos perigos de um mundo por uma guerreira.	Mulher
Will Rez e Israel Neto	<i>O segredo do Sr. X</i>	Um ministro se disfarça de investigador para descobrir tramas contra o povo preto nos EUA.	Homem

Fonte: Autoria própria (2026).

Na terceira edição do Almanaque, a distribuição das histórias ficou com o maior percentual relacionado ao protagonismo exclusivamente feminino (43%), seguido do protagonismo exclusivamente masculino (36%) e o misto (21%). Isto é, quando avaliamos o total das histórias com presença feminina relevante (feminino + misto): foram nove (9) histórias em um universo de quatorze (14), totalizando mais da metade (64%). Nessa edição, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres autoras, houve uma predominância na escolha de protagonistas femininas: Seis (6) em dez (10) e quatro (4) em seis (6), respectivamente.

Quadro 3 – Composição do Almanaque Kitembo 2K24

Autoria	Título da História	Resumo / Breve descrição	Protagonismo
Carlos Gritti	<i>O Despertar</i>	Continuação da história da edição anterior. Logo nas primeiras páginas se destacam uma mulher adulta e uma criança negras.	Duas mulheres
Gê Mendes	<i>Jupiter 1</i>	Um casal de irmãos cientistas conversa. Eles trabalham em uma equipe de lançamento de uma nave	Um casal
Anderson Awwas	<i>Irene e o Asteroid</i>	Uma mulher em uma colônia espacial tem um encontro místico com um saci	Uma mulher
Isac Luisa	<i>Somos tudo o que já fomos, parte 2</i>	Uma mulher tem experiências sensoriais visitando uma exposição	Uma mulher
João Miranda e	<i>Nosso abraço</i>	Continuação da história da edição anterior, onde uma cientista cuida de uma guerreira em um provável romance.	Duas mulheres

Marcia Ramos			
Raphael Gritti	<i>Orun</i>	Um homem em uma nave à deriva tem um encontro perigoso com um alienígena	Um Homem
Rodrigo Cândido	<i>Prisão das almas</i>	Uma aventura mística no submundo com temática egípcio	Um casal
May Solimar	<i>Afeto</i>	Uma estudante usa um app de saúde mental.	Uma mulher + uma amiga
Stéff MBS	<i>Os Panteras Prateados</i>	Uma paródia do tokusatsu com panteras negras.	Um homem (uma mulher na equipe de heróis)
Penaforte	<i>Labirinto</i>	Uma mulher tem pesadelos existências.	Uma mulher
Ariane Purika	<i>Encruzilhada</i>	Continuação da história publicada na edição anterior onde Anúbis precisa encaminhar uma alma de homem.	Um homem
Darwiz Bagdeve	<i>Batalha espiritual</i>	Uma paródia onde mulheres com superpoderes enfrentam crises existenciais do cotidiano de um jovem garoto.	Um homem com uma equipe de mulheres
Douglas Reverie	<i>Pixel preto na tela branca</i>	um sistema operacional personificado na forma de mulher dialoga com um outro sistema associado aos deuses e civilizações africanas.	Uma mulher + um homem
Will Rez e Israel Neto	<i>O segredo do senho X. Parte 2</i>	Continuação da história publicada na edição anterior	Um homem.

Fonte: Autoria própria (2026).

Já na quarta edição, houve um equilíbrio do protagonismo exclusivamente feminino e do masculino, com ambos contendo três (3) histórias cada (43%). Entretanto, quando avaliamos o total com presença feminina relevante (feminino + misto), este índice passa para quatro (4) em sete (7), passando novamente da metade das histórias (57%). Nessa edição, todas as mulheres autoras criaram protagonismo feminino em suas histórias e apenas um (1) dos quatro (4) homens (25%) criou protagonismo com presença feminina.

Quadro 4 – Composição do Almanaque Kitembo Edição Extra (2025)

Autoria	Título da História	Resumo / Breve descrição	Protagonismo
Douglas Docelino	<i>Osebo</i>	Um guerreiro com inspiração Africana e no Tokusatsu enfrenta perigos.	Um homem + uma figuração feminina
Francine Oliveira	<i>Zuni</i>	Um quadrinho poético-filosófico de uma mulher refletindo sobre sua existência	Uma mulher
Isaque Sagara	<i>República</i>	Dois amigos entram em conflito existencial em meio a uma ação de guerrilha	Dois homens
Celle	<i>Raiz</i>	Uma menina tem um encontro psicodélico com seu orixá	Uma menina
Lucas Lima	<i>Memórias de Baobá</i>	Um homem reflete sobre suas memórias.	Um homem
Maria Jupira	<i>Título não especificado no material</i>	Uma jovem reflete sobre viver sonhando ou ter conexões reais.	Uma mulher

Braziliانو	<i>Título não especificado no material</i>	Uma história sem texto onde duas entidades enfrentam juntas um perigo selvagem	Um casal
-------------------	--	--	----------

Fonte: Autoria própria (2026).

A questão do gênero entre as pessoas autoras

Considerando as quatro edições do Almanaque, podemos visualizar o total de mulheres autoras em relação aos homens de duas formas principais: primeiro (1) por créditos/aparições (somando as participações em cada edição) e segundo (2) por autores únicos (considerando cada pessoa uma única vez, mesmo que tenha participado de múltiplas edições). Essa diferenciação é importante para avaliar a frequência proporcional continuada de autoras em cada obra.

Quadro 5 – Por créditos/aparições (soma de participações)

Categoria	2022	2023	2024	2025	Total	Percentual
Mulheres autoras	4	4	6	3	17	37,8%
Homens autores	5	9	10	4	28	62,2%
Total	9	13	16	7	45	100%

Fonte: Autoria própria (2026).

Se considerarmos cada participação individual (afinal, uma pessoa pode aparecer em mais de uma edição), houve dezessete (17) participações femininas contra vinte e oito (28) masculinas, ou seja, pouco mais de um terço (1/3) das produções das histórias em quadrinhos nos quatro volumes foram de mulheres.

Quadro 6 – Por autores únicos (pessoas distintas)

Categoria	Total	Percentual
Mulheres autoras únicas	13	43,3%
Homens autores únicos	17	56,7%
Total de autores únicos	30	100%

Fonte: Autoria própria (2026).

Há uma predominância masculina nas participações ao longo das 4 edições, mas a presença feminina é significativa (quase 2 em cada 5). Quando se olha para o conjunto de pessoas convidadas (sem repetir quem participou mais de uma vez), o quadro é mais

equilibrado: quase quatro (4) em cada dez (10) autores únicos forão mulheres. Houve alguns homens que participaram de múltiplas edições, enquanto a maioria das mulheres autoras participou de apenas uma edição. A cada edição, novas autoras foram sendo incorporadas. Isso indica que a curadoria do almanaque buscou ativamente novas vozes femininas, mesmo que elas não retornassem em edições seguintes.

Embora os autores homens sejam maioria, as personagens femininas nas histórias desenhadas apareceram em mais de sessenta por cento (60%) das histórias em todas as edições. Esse é um indicador muito importante que demonstra que o compromisso com a representação feminina no nível narrativo é ainda mais forte do que a presença feminina no nível da criação.

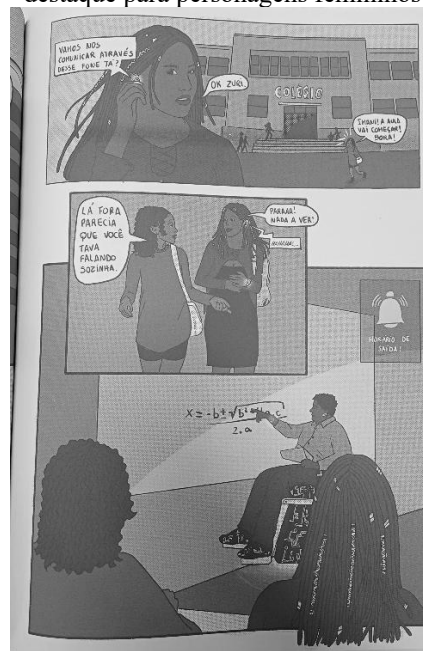
Alguns elementos de visualidade nos desenhos das personagens negras

Figura 1 – Página da Hq de Carlos Gritti com destaque para personagens femininos



Fonte: Almanaque Kitembo 2024. Hq de Carlos Gritti. 2024, p.7. Acervo pessoal.

Figura 2 – Página da Hq de May Solimar com destaque para personagens femininos



Fonte: Almanaque Kitembo 2024. Hq de May Solimar. 2024, p.85. Acervo pessoal.

Para representar os elementos visuais que são produzidos nas HQs do Almanaque Kitembo, selecionamos duas páginas de exemplo. A página da Fig.1 apresenta duas personagens femininas negras em destaque, sendo uma mulher adulta e uma criança menina, e um grupo de crianças todos com forte ênfase em traços afrocentrados. A representação da feminilidade negra é construída por vários elementos visuais,

destacamos: os cabelos afro como marca identitária, no qual a menina aparece com um grande penteado *black power*, volumoso e destacado no centro da composição e no início da página. O cabelo ocupa boa parte do quadro e funciona como símbolo de orgulho racial e valorização da estética negra, rompendo com padrões eurocêtricos de beleza. Há indicativos de variação dos traços faciais e da tonalidade da pele. Todos possuem pele escura, porém com tonalidade diferenciada e representada por sombreamento intenso, lábios destacados e seis (6) tipos de penteado associados aos cabelos crespos. Esses traços não são caricaturados de forma depreciativa. Pelo contrário, são desenhados com suavidade, reforçando uma representação positiva de pessoas negras, com destaque para as mulheres negras (centraliza na página).

Na página da fig. 2, apresenta uma representação significativa da mulher negra em um contexto escolar e tecnológico. A personagem central é uma adolescente negra retratada de forma protagonista em todos os quadros da página. Sua identidade racial é marcada por diferentes elementos visuais: a pele escura, desenhada com tonalidade homogênea e sem exageros caricaturais; cabelo em longas tranças (dreadlocks estilizados), adornado com miçangas e acessórios, remetendo à valorização de estéticas afro-brasileiras e afro-diaspóricas; A personagem utiliza roupas casuais e modernas, compatíveis com o universo adolescente. Sua aparência não está associada à erotização nem à subalternidade. Pelo contrário, ela é construída como uma jovem autônoma, inserida plenamente no cotidiano escolar. Os adornos presentes nas tranças funcionam como elementos de identidade cultural e autoestima, reforçando uma estética negra positiva. O cenário é um colégio, com estudantes circulando e posteriormente assistindo à aula de matemática, cuja professora, também é negra e cadeirante. Essa escolha amplia a representatividade, mostrando pessoas negras não apenas como estudantes, mas também ocupando posições de autoridade intelectual e educacional. A protagonista ocupa naturalmente o espaço escolar, sendo representada como estudante. Isso contribui para romper estereótipos que historicamente afastavam personagens negras dos espaços de produção do conhecimento.

A página da Fig. 2, constrói uma representação positiva da mulher negra ao reunir diferentes dimensões de sua identidade: juventude, amizade, escolarização, competência tecnológica e pertencimento a um ambiente educacional. A protagonista é apresentada como uma adolescente comum, mas simultaneamente marcada por signos de valorização da estética negra, especialmente pelas tranças adornadas, e inserida em espaços de

conhecimento e inovação. A presença simultânea de estudantes e de um professor negros amplia essa representação, sugerindo um universo em que pessoas negras ocupam posições centrais na vida escolar, distanciando-se de representações estereotipadas e reforçando uma perspectiva de protagonismo, diversidade e afirmação identitária.

No conjunto das páginas desenhadas, há uma ausência de estereótipos negativos. Não há associação das personagens à violência, servidão ou hipersexualização, estereótipos historicamente recorrentes na representação de mulheres negras. Frequentemente, as cenas de composição privilegiam descrições de situação de humanidade, beleza, afeto e agência, principalmente, feminina.

Os desenhos das páginas em quadrinhos construíram uma representação feminina negra positiva e afirmativa, valorizando estética afro, ancestralidade cultural e relações afetivas entre mulheres negras, especialmente pela presença simultânea de mulheres de diferentes idades, que nos sugere continuidade geracional e fortalecimento identitário.

Discussão dos Resultados e Análise Interseccional

A análise das obras da editora Kitembo, tomou como base a metodologia interseccional proposta por Crenshaw (1991) e as teorias feministas de Collins (2019) e bell hooks (2018; 2019), e ainda, procuramos tangenciar a Teoria da Representação de Stuart Hall (2006), que revela um esforço deliberado para romper com estereótipos históricos. Enquanto o mercado tradicional frequentemente relegava mulheres negras a papéis coadjuvantes ou figurativos, as HQs da Kitembo as colocam no centro da narrativa, investindo em protagonismo e complexidade emocional.

Hall (2006) faz uma distinção fundamental entre representação reflexiva, intencional e construcionista. Aplicamos essas dimensões no material dos quadrinhos para avaliar como as obras da Kitembo operam predominantemente sob uma lógica ora intencional (quando os autores desejam corrigir a representação), ora construcionista (quando os sentidos emergem da linguagem e das práticas culturais). Quando usamos o modelo de codificação/decodificação (Hall, 2003) procuramos mostrar que a posição do produtor (no caso, a editora comprometida com um discurso) não garante a leitura preferencial desses sentidos supracitados. E nos parece indispensável, tratar as representações visuais feitas pela editora sob o binarismo “estereótipo negativo vs. positivo” (Hall, 2006), sugerindo que a luta por representação justa não se resolve apenas

pela inversão de conteúdo, mas pela desconstrução do estereótipo, isto é, de como vemos e compreendemos o mundo visualmente em uma determinada época (através destas HQs feitas pela editora).

Diferentemente das representações tradicionais, as personagens femininas negras nas HQs da Kitembo são frequentemente as protagonistas de suas próprias histórias. Elas não existem para servir de apoio a personagens brancas ou masculinas, mas são agentes centrais na condução da trama. Em nosso levantamento, identificamos obras que apresentam mulheres que tomam decisões cruciais, expressam desejos próprios e demonstram vulnerabilidade e força de maneira humanizada, afastando-se do estereótipo da "mulher forte" desprovida de subjetividade.

No que se refere à dimensão do contexto histórico-social, a análise demonstra que as narrativas da Kitembo incorporam consistentemente a interseccionalidade. As personagens não são apenas mulheres negras; elas são moldadas por suas condições de classe, por contextos geográficos (periferia urbana, comunidades rurais) e por uma memória histórica de resistência, como sujeitos interseccionais (Crenshaw, 1991). Por exemplo: Em *Iansã Biobuster*, as duas mulheres negras vivenciam a crise identitária de formas diferentes (cientista e gótica), mostrando que dentro do mesmo grupo há diferenças intragrupo, algo que Crenshaw (1991) enfatiza como central. Em *Amuleto*, três gerações de mulheres negras são retratadas, cada uma lidando com interseções distintas de idade, classe e relação com a ancestralidade.

Crenshaw (1991) mostra que mulheres negras frequentemente ficam à margem tanto de movimentos feministas (majoritariamente brancos) quanto de movimentos antirracistas (majoritariamente masculinos) (Furtado, 2019). A própria composição da autoria das HQs reflete essa tensão. Embora o protagonismo feminino seja alto, a presença de mulheres autoras oscilou e, em alguns anos, foi minoritária. Isso sugere que, mesmo em um projeto explicitamente negro e afrofuturista, a centralidade feminina na criação ainda é um campo de disputa, ecoando a crítica de Crenshaw (1991) sobre a marginalização das mulheres negras mesmo dentro de movimentos progressistas.

Crenshaw (1991) critica como as imagens e narrativas dominantes de raça e gênero se confluem para produzir representações que marginalizam mulheres negras. Ao colocar mulheres negras como cientistas, guerreiras, filósofas, jogadoras e deusas, a coletânea subverte tanto os estereótipos racistas, quanto os sexistas, rompendo com o que

hooks (2018; 2019) chamaria de "regime de representação" que confina a mulher negra a papéis subalternos.

A presença de misticismo afro-religioso (orixás, Anúbis, Saci) não é exótica ou folclórica, mas integrada organicamente a tramas de ficção científica, criando uma gramática visual e narrativa que não está subordinada aos cânones ocidentais de representação.

Collins (2019) defende que o feminismo negro deve refletir as experiências vividas pelas mulheres negras em meio à intersecção de raça, classe, gênero etc. e precisa surgir da realidade concreta vivenciada. Os Almanques encarnam esse pensamento em múltiplos níveis. A maioria das histórias coloca mulheres negras no centro, não como exceção, mas como regra narrativa. Isso vai além da representação para construir um universo onde a mulher negra é sujeito pleno. As histórias não são abstrações universais, mas ancoradas em experiências e cosmovisões afrodiaspóricas. A ancestralidade é mobilizada como epistemologia, não como adorno. As tramas articulam resistência ao racismo (O resgate, Território inimigo), ao sexismo (críticas identitárias em Iansã Biobuster), e à opressão tecnológica (androides com almas humanas), mostrando que a luta é interseccional e solidária, exatamente como Collins (2019) propõe.

Segundo depoimento de Will Reiz (o organizador das quatro edições) na apresentação do volume 2 do Almanque: "...não estamos aqui para falar das nossas mazelas e de nosso caminho tortuoso. [...] estamos aqui pra (sic) imaginar histórias de prosperidade, de vitórias e de amor, o afrofuturismo nos guia nesse caminho..." (Almanque Kitembo, 2023, p. 4). Essa abordagem se alinha às perspectivas defendidas por hooks (2018; 2019) que propõe um "olhar negro", isto é, uma perspectiva crítica que subverte o olhar dominante e reinscreve a subjetividade negra. Os Almanques Kitembo podem ser lidos como uma prática desse olhar em quadrinhos, pois há um intuito de produzir um discurso de dentro "...desafiando e ao mesmo tempo integrando artistas pretos no mercado de quadrinhos!" (Almanque Kitembo, 2023, p. 4), no qual pessoas negras desenham e escrevem histórias sobre pessoas negras. Isto é, todos os autores e autoras são negros, o que garante que a representação não seja uma apropriação externa, mas uma auto-representação, uma condição essencial para hooks, que critica a tomada de posse da cultura do outro por brancos.

Considerações finais

A análise das representações de mulheres negras nas HQs da editora Kitembo demonstra que a indústria dos quadrinhos tem potencial para ser mais do que um reflexo das desigualdades estruturais; ela pode ser uma ferramenta ativa de combate ao racismo e ao sexismo. Ao investir em protagonismo, interseccionalidade e na diversidade de autorias, a Kitembo constrói um catálogo que funciona como um importante arquivo de resistência cultural, oferecendo narrativas de empoderamento que desafiam os estereótipos predominantes.

Sabemos por diversas outras fontes, que o afrofuturismo de matriz estadunidense nem sempre dialoga com as tradições de futurismo negro indígena brasileiro ou com as críticas de que o gênero pode privilegiar o Sul Global. Provocamos uma reflexão sobre em que aspectos a Kitembo pratica um afrofuturismo com raízes locais ou como essa representação feminina lida com a tensão entre ancestralidade e o futuro tecnológico.

Ao que tudo indica, na análise do conteúdo desses quatro álbuns, o afrofuturismo praticado pelas pessoas autoras, tanto homens, quanto mulheres, não é uma “bolha feminina”, mas um movimento consciente de amplificação de vozes, onde homens negros também se comprometem a escrever sobre e para mulheres negras, sem apropriação, mas como parte de um projeto político-comunitário. Ao mesmo tempo, que se abre espaço para que as mulheres negras quadrinhistas se expressem sem a mediação masculina. No entanto, olhando para o conjunto da obra, a série de almanaques é um exemplo raro no mercado editorial brasileiro de como é possível, sim, ter um projeto de ficção científica e fantasia com predominância de personagens femininas negras, sem que isso soe forçado ou panfletário, pelo contrário, as histórias são variadas, bem escritas e artisticamente potentes.

De toda forma, nosso estudo confirma a necessidade de iniciativas que não apenas analisem criticamente as mídias populares, mas que também promovam a criação de conteúdos mais inclusivos e socialmente responsáveis. As HQs analisadas transcendem o entretenimento, atuando como ferramentas educativas e políticas que reescrevem as narrativas históricas e contemporâneas sobre mulheres negras. Defendemos que projetos como este, que unem a pesquisa acadêmica à prática editorial independente, são essenciais para fortalecer a luta por representações midiáticas justas, demonstrando que o

entretenimento pode ser tanto um espelho crítico das desigualdades quanto um instrumento para sua superação.

O Almanaque Kitembo, no conjunto de sua obra, é um marco no cenário dos quadrinhos brasileiros e um exemplo de como a representatividade pode ser feita com qualidade artística, diversidade narrativa e compromisso político.

Referências

ALMANAQUE KITEMBO: quadrinhos afrofuturistas. Organização: Will Rez. [S.l.]: Kitembo Edições Literárias do Futuro, 2022-2025. 4 edições.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acessado em: 17/08/2025.

FURTADO, Lucianna. A interseccionalidade e o entrecruzamento de violências epistêmicas no videoclipe ‘Mandume’. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. 21(3):142-155 setembro/dezembro, 2019, Unisinos. doi: 10.4013/fem.2019.213.12. Disponível em: <https://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/download/fem.2019.213.12/60747390/60759858#5#2>. Acessado em: 13 abr. 2026.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Codificação e decodificação na televisão. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 387-418.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MOSCO, Vincent. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. **Comunicação e sociedade 1**: cadernos do Noroeste, Braga, v.12, n. 1/2, 1999, p. 97-120. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312178155_Economia_politica_da_comunicacao_uma_perspectiva_laboral. Acessado em: 13 abr. 2026.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.